



## a trilogia da existência

Flávio Adriano Nantes Nunes<sup>1</sup>

Para minha mãe Amélia, minha leitora mais emotiva

já não resta nenhuma ilha deserta, nenhum arvoredo  
infame, nem sequer um curralzinho para me trancar  
nele  
(Julio Cortázar)

Quem me leva meus fantasmas/ Quem me salva desta  
espada/ E me diz onde é a estrada?/Aquele era o tempo  
em que [...] / Eu bebia da vida em goles pequenos/  
tropeça no riso abraçava os venenos.  
(Pedro Abrunhosa)

A solidão está misturada à minha essência...  
(Clarice Lispector)

(1)

Cheguei atordoado e vazio ao mundo; tinha uma esperança dúbia em mim. Queria preencher o vazio perpetrado ao longo de minha existência efêmera, mas fui entendendo que nossos sulcos internos cristalizam-se com a mesma intensidade da ânsia, do desejo, do magro desejo de vida.

Lançado ao mundo desta forma, arremessado ao redemoinho da roda vida fui tateando a própria vida; não costumava atirar-me aos eventos, não os "vivia"; eles passavam por mim ou talvez fosse eu quem passava por eles. Eu e os embates que sempre potencializo. Chego a acreditar na monstruosidade das ações empreendidas no *cosmos*, forçando-me a viver no mais absoluto isolamento. Sinto-me pedra que se encontra com outras pedras ao longo dos caminhos. Na força bruta não me sustento, a discursiva é um eco de voz abafada no interior da caverna. Minhas flores secretas secaram, daí intei-rei-me

de que “a duração da vida é um assombro de exílio”. Sou exilado do mundo, desterritorializado de mim mesmo, reterritorializado em lugar algum, sem pátria, sem casa nem quintal, sem árvore genealógica.

A minha estrutura idiossincrática é como a arquitetura da aranha nos arrabaldes bem cá do meu interior. Tomo formas que sempre aparecem aos pedaços quando um fio de ouro é despejado em mim pelo sol. Ah! o calor. Arquitetura metamórfica. Câmbios destoantes e que produzem em mim algo contemporâneo: rasgos neobarrocos, laivos cubistas e fragmentos surrealistas... assim no mundo, na vida, na roda vida, no redemoinho. A vida assim com os seus objetos espreitando, invadindo, atraindo, rechaçando.

As viagens me são interessantes, sempre adorei viajar mas ao chegar ao lugar, tudo me parece desinteressante e penso “o bom de qualquer viagem é apenas viajar”. Não há lugar. Quando me distancio de qualquer ponto em direção a outro, sinto-me nostálgico, melancólico – meus olhos molham a partir de um rebanho de pensamentos, onde eu também sou o gado – por desejos rotos, ações invividas, gestos não esboçados, palavras sussurradas ao vento, beijos afoitos não concretizados, linhas não escritas, livros que continuaram no armário... O lugar-outro é traduzido como esperança – o novo traz este rótulo, não tem passado nem identidade (?). É sempre em busca deste “novo” que parto, anelando por vida em outros portos.

Fica sempre a certeza de que ainda há muitas estradas a serem percorridas – (um alívio?). O caminhar lento pelas velhas ruas de paralelepípedos ou as que nos cegam com a força das luzes dos *neons*. Ir de porto em porto na ânsia por me (re)descobrir e fragmentar-me em partes diversas na tentativa de ser (re)nascido com outros tons, sabores, formas, fragrâncias, palavras...

Da janela da existência humana, vejo o andar lento de todos, os rostos sem definição, suas práticas que muitas vezes não passam de campos de concentração domésticos, o ir e vir que não se pode explicar; sujeitos que não entendem o porquê de estar no mundo: o autogenocídio de toda a humanidade.

(2)

Sinto uma estranheza e uma indiferença a tudo que me tem cercado ao longo dos tempos. Gostaria de ter uma vida equilibrada, como os demais, como a dos meus amigos,

por exemplo. No entanto, para mim, eles a detêm com um certo engessamento, com a liberdade tolhida; é o preço que se paga pela não-solidão. Não-solidão? Não sei! Camões disse há tantos séculos acerca de um andar solitário entre a gente. Na realidade, eu nem sei o que é normalidade, tampouco equilíbrio. Passo o tempo assim, tentando mensurar as minhas perdas e diminuí-las com meus alegres achados. Tenho a impressão que enquanto contabilizo, outras coisas escapam-me pelos vãos dos dedos, escorrendo em forma de vida. Minhas falas tornaram-se lugar-comum: há sempre algo importante a ser feito; tenho tanto trabalho; sufocam-me as obrigações. As pessoas não entendem que é uma máscara; eu invento fórmulas para escapar ao mundo, a mim, à vida. Não há ocupações ou grandes eventos; é a fuga de mim mesmo; sei que sem isto, encontrar-me-ia comigo, olharia em meus olhos e não encontraria respostas de toda uma vida. Os amigos acreditam numa vida dedicada, cheia de ideais, um militante. É teatro. Máscaras apropriadas que, no fim de cada espetáculo, são substituídas por outras. Os meus simulacros. Fico horas a fio com a escrivanhinha e os papéis, dando ênfase ao mundo que criei, onde os sulcos são imperativos e ardentes. A água cai nos canteiros do jardim e deságuam. Quero desaguar. Chove lá fora, cá dentro eu chovo meus dissabores. Espectros de risos. Fantasmas não exorcizados. Estradas repletas de bifurcações. As proposições sempre inexatas. Em outros momentos, somos o sofá, o vinho, a música e eu. Boas as companhias. Talvez haja curiosidade em saber se desta forma está tudo bem. Não sei! Como posso substituir as tulipas lá do jardim cheias de pingos de chuva que brilham na íris dos meus olhos, por rosas; estas nunca as cultivei. A solidão é imperante. Assim é minha lavoura, cultivo apenas uma espécie de planta, logo, sei que a colheita é sempre a mesma. Nos momentos de elucubrações, quando há chuvas, também chovem de mim palavras soltas, períodos esparsados, frases sem conexão. O redemoinho em meus pensamentos. O gesto ponderado de meus dedos. A voz pausada, insistindo equilíbrio. Não tenho lembranças de uma vida sociável com as pessoas; vêm-me à memória elementos esgarçados de uma convivência mínima; não sei se nasci assim, se tais rasgos são genéticos, tampouco não sei se os adquiri ao longo de minha despercebida e mínima existência. Os olhares são interrogativos, sou-lhes enigmático; não, não o sou! Apenas ceticismo com relação às discussões que há menos resoluções que falácias. Sobre(vivo) no/do silêncio; sou constituído de silêncios. Sempre me senti como uma construção babélica em *apud*. Os sujeitos dos olhares não acreditam em mim.

Comungamos. Tampouco eu acredito. Assim o é. Vivo neste deserto, mas às vezes chove lá fora e eu cá...

(3)

Nos dias de domingo sob o sol, saio para passear no parque que fica a algumas quadras de minha casa. Fico por lá horas a fio sobre a grama morna que esquenta minha costa e o resto do corpo. As folhas caídas no chão revolteiam sem direção nem paradeiro seguro; elas são a própria metáfora da existência; penso que nunca somos o que queremos, mas antes nos entregamos às circunstâncias sem o menor pudor; por mais altas que sejam nossas investidas nas erranças... a constituição do "eu" dá-se sempre por essas ditas circunstâncias. Volto à casa com meu olhar *blasé* de sempre e a indiferença com relação a tudo me rodeia; quase nada me chama atenção; o tédio é-me latente; rastros de solidão invadem minha existência... me são agradáveis.

Questionam-me. Reclamam por presença mais efetiva. Queixam-se inclusive de meu amor. Acreditam numa única perspectiva para tal sentimento. Desprezam minha vida arredia e solitária. Duvidam até que tenha encontrado alguma alegria no interior de mim mesmo. Desacreditam de cada gesto; meus atos são-lhes excludentes porque não conseguem enquadrar-se; na realidade, não costumo moldá-los a minha vivência. Não quero "matá-los", apenas viver comigo mesmo. Sentem-se distantes; eu os tenho tão próximos.

Quando lhes digo acerca de meus sonhos ou anseios, a resposta vem-me categórica: "Excêntrico, querido". Não lhes digo que desde a infância me sentia deslocado àquele mundo que nos circundava. Não posso dizer. Para que deixar minha ancestral angústia nestas pobres mãos de que minha força está na solidão? Maquinava diuturnamente o momento em que, num salto certo, pularia para o lado reverso do mundo. Não sei se pulei, se o fiz não sei onde me encontro, inclinando-me à dança das folhas.

Nas reuniões de família, o desejo de quarto é latente; as novidades, os êxitos, as viagens, os amores, nada, nada me alcança. Indelicado!? Talvez um ser embrutecido pela sensibilidade. Sou desacreditado dela. O ser provocador do ceticismo voltado a mim. Não quero abrir mão de minha burca pessoal. Quero olhar a existência apenas com um olho.

Hoje, domingo outra vez, saio em direção ao parque.

---

<sup>i</sup> **Flávio Adriano NANTES** é professor de Teoria literária e Literaturas de Língua Espanhola, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul; foi aluno de Graduação e do Programa de Mestrado em Estudos de Linguagens na mesma Universidade. Foi bolsista da AECI (Agencia Española de Cooperación Internacional) e aluno do curso de Experto para Profesionales de Lengua Española, na Universidad Complutense de Madrid (UCM). Sua escritura carregada de tons existencialistas constitui-se numa tentativa de elucubrar acerca do que tanto sangra-queima-rasga no interior humano. São evidentes, ademais, as pistas um tanto obscuras de suas leituras pessoais plasmadas em seus textos, ora com aspas ora sem, dos filmes que permeiam seu imaginário e das conversas desimportantes que, muitas vezes, são a matéria prima para seu projeto escritural. Para o escritor, a literatura é uma obsessão, uma paixão, uma vida, uma espécie de religião. (F.A.N.N.)